

AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO SOBRE O GOLPE DE 64: OS DISCURSOS PRODUZIDOS DURANTE A SABATINA DE BOLSONARO NO JN EM 2018

THE CONSTRUCTIONS OF MEANING ABOUT THE COUP OF 64: THE SPEECHES PRODUCED DURING BOLSONARO'S SABATINA ON JN IN 2018

Lysanne de Oliveira Ferro (UFAL)¹
Belmira Rita da Costa Magalhães (UFAL)²

Resumo: Este artigo trata do discurso jornalístico e seu funcionamento nas construções de sentido em torno do Golpe Civil Militar de 1964 durante a sabatina do então candidato à presidência Jair Bolsonaro, no primeiro turno das eleições de 2018, no principal telejornal da Rede Globo, o Jornal Nacional. Por meio da Análise do Discurso, que relaciona as contradições e princípios da língua, do sujeito e da história, mobilizamos algumas das categorias formuladas por Pêcheux (1995) e trabalhadas por Orlandi (2000) e Florêncio, et. all (2009). Quanto ao discurso jornalístico, nos guiamos pelos trabalhos de Dela Silva (2008), Moreira (2019), Mariani (1996). Com isso, buscamos compreender como o acontecimento político, as eleições de 2018, se inscreve na história como acontecimento discursivo no momento em que o candidato traz à tona o apoio da emissora ao Golpe de 64, fazendo com que a Rede Globo se explique pela segunda vez na história.

Palavras chaves: Análise do Discurso; discurso jornalístico; discurso sobre; Rede Globo.

Abstract: This article treats with journalistic discourse and its functioning in the constructions of meaning around the Civil Military Coup of 1964 during the hearing of then presidential candidate Jair Bolsonaro, in the first round of the 2018 elections, on Rede Globo's main news program, Jornal Nacional, how journalistic discourse constructs senses. By means of the Discourse Analysis, which relates the contradictions and principles of language, the subject and history, we mobilize some of the categories formulated by Pêcheux (1995) and worked on by Orlandi (2000), Florêncio, et. all (2009). As for journalistic discourse, we were guided by the works of Dela Silva (2008), Moreira (2019), Mariani (1996). With this, we look for to understand how the political event, the 2018 elections, is inscribed in history as a discursive event at the moment when the candidate brings to light the broadcaster's support for the 64 Coup, making Rede Globo explain itself for the second time in history.

Keywords: Speech analysis; journalistic speech; speech about; Rede Globo.

Introdução

Neste artigo trataremos das construções de sentido sobre o Golpe Civil Militar de 1964 no Brasil pela Rede Globo, como são construídas as narrativas dentro do discurso jornalístico sobre esta parte da história do país e como o que aconteceu naquela época é contado hoje, para que se faça entendimento da maneira que se deseja.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas; graduada em Comunicação Social - Jornalismo. email para contato: lysanne.ferro96@gmail.com

² Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas; professora titular voluntária na Universidade Federal de Alagoas, no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística.

Para isso, utilizaremos como recorte e objeto de análise a sabatina do então candidato à presidência, Jair Messias Bolsonaro, no principal programa telejornalístico da Rede Globo, o Jornal Nacional, em 2018.

Levantaremos algumas questões: como é agora tratado o acontecimento, na perspectiva do discurso, hoje, pela Rede Globo? O que leva a emissora a se pronunciar sobre o caso da forma que se pronuncia? Quais sentidos são evocados e quais são deixados de lado? Como o discurso jornalístico atua nessa construção de sentidos?

O *corpus* que será analisado aqui faz parte da série de sabinas realizada pelo Jornal Nacional, em 2018, com os candidatos à presidência no presente ano. Em 28 de agosto do ano citado, o candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro (que até então era um deputado federal no seu sétimo mandato, alinhado com o conservadorismo e se colocava como uma alternativa para o combate à corrupção, em defesa dos cidadãos de bem, da moral e dos bons costumes para presidir o Brasil) foi o segundo a ser entrevistado pelos âncoras do JN William Bonner e Renata Vasconcellos.

A entrevista passa por diversos temas como segurança pública, direitos humanos, economia, democracia, que merecem análises, mas que não pertencem ao recorte proposto para este artigo.

Decidimos, então, nos ater aos desdobramentos do final da entrevista, do que reverberou da sabatina e levou à Rede Globo a retomar sua história para responder a uma provocação feita por Bolsonaro quanto ao apoio da emissora ao golpe civil militar de 64. Bolsonaro ao ser questionado sobre democracia, o seu apoio ao Regime Militar, rebate lembrando o apoio dado pela emissora aos militares e questionando aos âncoras do JN se o criador da emissora, Roberto Marinho, por ter apoiado os militares não seria um democrata.

Para tentar responder as questões levantadas, utilizaremos a Análise do Discurso que foi fundada na França por Michel Pêcheux, difundida no Brasil por Eni Orlandi, sob a perspectiva do materialismo histórico como aporte teórico e metodológico, pois acreditamos que a AD é muito mais que uma disciplina de entremeio entre a Linguística, História e Psicanálise; ou apenas uma teoria de linguagem. Compreendemos a Análise do Discurso como a relação entre as contradições dessas teorias, é o que escapa. Orlandi (2007) categoriza a AD como antidisciplina. É, então,

uma desdisciplina, que vai colocar questões da linguística, no campo de sua constituição, interpelando-a pela sua historicidade que ela apaga do mesmo modo que coloca questões para as ciências sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam (Orlandi, 2007, p. 24).

A Análise do Discurso é além de uma ferramenta para compreender as contradições postas através da luta de classes no mundo, é práxis, movimento necessário para também a transformação do *status quo*. Assim, compreendemos que “o fazer discursivo é uma práxis humana que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação e de como cada indivíduo processa através do seu psiquismo essas determinações” (Magalhães; Mariani, 2010, p. 406).

1 Quadro teórico

Para a Análise do Discurso, fundada por Michel Pêcheux, o discurso se constitui através do sujeito e da ideologia. Isso se relaciona também com o dizer, que se relaciona com a língua e ideologia, significando através da história. Para Orlandi (2001), o dizer é composto do que está posto, o que aparece à primeira vista, do que não é dito, do que poderia ter sido dito, ou seja, as margens do dizer constituem o sentido do discurso. É através dessas margens que o analista consegue percorrer o caminho para a análise. Pois,

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com a sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (Orlandi, 2001, p. 30).

Esse caminho a ser percorrido pelo analista de discurso é possível graças ao trabalho de Pêcheux, que formulou categorias que permitiram o início das reflexões sobre língua, discurso, sujeito pela ótica do materialismo histórico. É através das categorias criadas pelos teóricos da linha que o analista do discurso consegue construir caminhos que o permitem compreender e analisar os efeitos de sentido do que está posto, uma vez que, o sentido de uma palavra ou frase não está em si mesmo (Pêcheux, 1995).

Segundo ele, o sentido é “determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras e expressões, proposições são produzidas” (Pêcheux, 1995, p. 160). Ou seja, as coisas têm o sentido que têm devido aos sujeitos que as falam e esses sujeitos fazem isso a partir das posições que ocupam dentro da sociedade de classes. Assim,

O sentido é uma produção historicamente determinada – daí a importância de levar em consideração as posições ideológicas numa conjuntura determinada pelo estado da luta de classes para se chegar ao caráter material do sentido. Isso toca na questão da historicidade das relações sociais juntamente com a historicidade contraditória do sentido e do sujeito. No entanto, a ideologia funciona produzindo evidências que mascaram o caráter material do sentido (Sobrinho, 2019, p. 140).

Para compreender o discurso é preciso compreender as condições de produção em que é produzido. As condições de produção auxiliam na compreensão dos sentidos, pois explicam como o discurso é produzido dentro da luta de classes.

As condições de produção permitem que o gesto de interpretação aponte como o sujeito se relaciona com a sua ideologia, com contexto social em que ele está inserido e como o mesmo afeta o seu discurso e o determina. Como Ramires (2012) coloca, para a Análise do Discurso a categoria de condição de produção:

(...) é essencial para a compreensão de como os discursos são constituídos, como se processam os sentidos e qual a relação dos discursos com a realidade em que se produzem, como produzem sentidos e, assim, fazem história, polemizam e transformam as relações sociais, e que atuam ainda na reprodução e na estabilização da sociedade em que se produzem (Ramires, 2012, p. 36)

As condições de produção são amplas e estritas e revelam o contexto em que os sujeitos estão inseridos para significar. “O primeiro, expressa as relações de produção, com sua carga sócio-histórico-ideológica. O segundo, diz respeito às condições imediatas que engendram a sua formulação” (Florêncio et al, 2016, p. 67).

Como amplas, compreendemos o capitalismo, a luta de classes e suas contradições, pois elas fazem parte da constituição de sentidos que retomam os sentidos da sociedade capitalista (Florêncio, et al. 2016,).

No que será analisado aqui, temos como condições de produção estritas as eleições de 2018, a retomada do debate sobre o que representou a ditadura civil militar no Brasil e o apoio do Grupo Globo a ela. Por meio das condições de produção podemos observar o funcionamento da sociedade. Ou seja,

as relações sociais e a luta de classes são as condições materiais da produção do discurso, compreendendo sujeito e situação, em suas relações sociais, abrangentes da cultura, economia, política de um determinado momento histórico e de momentos outros, resgatados pela memória sócio-histórica e ideológica, ratificando, assim, o caráter histórico e ideológico do discurso (Florêncio, et all, 2016, p. 69).

Para que o discurso signifique da forma que significa, entender as posições ideológicas e do processo sócio-histórico em que o sujeito está inserido é fundamental. O sujeito do dizer, para a Análise do Discurso, é constituído pela ideologia e isso nos traz uma afirmação de Orlandi (2000), “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia”.

Atravessado pela língua e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que ele diz. Ele é materialmente dividido desde a sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não submeter se à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentido” (Orlandi, 2000, p 48-49).

O sujeito vive em contradições, assim como a sociedade de classes, com a sua relação com a ideologia, podendo se identificar ou não com a ideologia que pertence inicialmente. Essa contradição é representada pela forma-sujeito que escancara as falhas da ideologia dominante.

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: tudo pode dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la (Orlandi, 2000, p. 50).

Assim, o sujeito afetado pela ideologia, se constitui sujeito na sociedade. Para Pêcheux,

é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso, está designado, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado. (Pêcheux, 1995, p. 160) (grifos do autor).

Recorremos também à definição que Lukács deu à ideologia, a partir da perspectiva da ontologia marxista. Para ele, a ideologia está ligada diretamente à práxis e o trabalho é categoria fundante da Ideologia. Ela é uma “forma de elaboração da realidade que serve para tornar a práxis social dos homens consciente e operativa (...) ela nasce direta e necessariamente do hic et nunc social dos homens que agem socialmente na sociedade” (Lukács, 1981, p. II). Isso implica, diretamente, a relação práxis com a constituição do sujeito, para Lukács, o trabalho é a categoria fundante do sujeito. Com isso, podemos assimilar a relação ideologia e discurso, uma vez que

o conceito de ideologia numa perspectiva ontológica, ampliado e desenvolvido por Lukács, nos permite pensar o discurso como prática social de produção de sentidos que nasce das relações entre os homens. Na natureza, ele não existe, pois é apenas nas relações entre os seres sociais que se configura o processo dinâmico e contraditório de produção de sentidos (Cavalcante e Machado, 2017, p. 56)

O sentido, assim, funciona a partir da relação sujeito e ideologia. O que determina esse sentido dado a uma palavra a partir de uma posição dentro da luta de classes, Pêcheux denominou de Formações Discursivas.

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (Pêcheux, 1995, p. 160). (grifos do autor).

Uma mesma palavra pode significar de formas diferentes a partir da posição que o sujeito ocupa na sociedade e ideologia a qual ele se filia. Podemos tomar como exemplo o objeto aqui tratado: o golpe de 1964. Para os militares e os defensores de que o que aconteceu foi bom para o Brasil, chama-o de Revolução de 1964. Os sentidos vinculados a esse acontecimento como “revolução” coloca os militares como defensores da pátria, que desempenharam o seu papel na defesa do país contra a ameaça comunista. Para alguns historiadores, defensores dos direitos humanos e estudiosos do caso, o acontecimento é chamado de golpe; representa uma ruptura da democracia e dos direitos, um atentado ao Brasil.

O funcionamento dessas formações discursivas não é percebido pelo sujeito do discurso devido aos esquecimentos. Os esquecimentos são da ordem ideológica e permitem que o sujeito se veja como dono do seu dizer.

O esquecimento nº 1, de caráter ideológico, “ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia”, (Orlandi, 2000, p. 35). Ele faz com que o sujeito acredite ser a origem do dizer, que aquilo que é dito por ele é inédito. Enquanto o esquecimento nº 2, é de caráter enunciativo, “ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, ao longo de nosso dizer” (Orlandi, 2000, p. 35). O sujeito seleciona as palavras para dizer de um jeito e não de outro.

Ou seja, “falar do sujeito é falar de efeito de linguagem; sujeito enquanto um ser de linguagem que foi falado antes de falar, que traz marcas do discurso do Outro, o que implica considerar que o sujeito não é origem do dizer nem controla tudo que diz” (Magalhães; Mariani, 2010, p. 402-403)

Com isso, o discurso é formado pelo que é dito e o já dito, que se relacionam entre si como intradiscurso e interdiscurso, respectivamente. O dito, visto aqui como a formulação atual, é o intradiscurso, o fio do discurso, o que é dito em determinado momento e é atravessado pelo já dito, o interdiscurso; o que já significou antes, em outro momento histórico. Ou seja,

Essas categorias - interdiscurso e intradiscurso - são pensadas por Courtine (1984) num entrelaçamento entre dois eixos: a primeira pensada num eixo vertical, como lugar do já-dito anteriormente e esquecido. O sujeito, então, empreende um movimento de retorno e identificação, escolhendo o que é relevante para a possibilidade de produção de novos sentidos para o seu discurso. A segunda - o intradiscurso - como eixo horizontal em que os discursos são produzidos, em determinadas condições, em dado momento, no propósito de entendimento do que está sendo dito (Florêncio, A., et all, 2016, p. 78-79).

Por termos como *corpus* de análise o discurso jornalístico, mobilizaremos aqui formulações que relacionam a AD e os estudos midiáticos, como o conceito de acontecimento discursivo, acontecimento jornalístico e discurso sobre.

Como acontecimento discursivo, recorreremos a definição dada por Dela-Silva “O acontecimento discursivo pressupõe, assim, a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que este dizer encerra” (Dela-Silva, 2008, p. 17). Assim, um acontecimento discursivo ocorre quando irrompe, cria uma nova discursividade sobre aquilo que aconteceu.

No caso analisado, podemos avaliar a nota lida por Bonner um acontecimento discursivo, assim como também um acontecimento jornalístico. Cria-se uma nova narrativa sobre o apoio da Rede Globo, um novo dizer, com novo significado, mas que carrega tudo que já significou antes.

O fazer jornalístico acontece em torno de narrar um fato, falar sobre algo. Esse falar sobre algo garante ao veículo o distanciamento necessário para garantir que o público confie no que está sendo dito, além de todas as normas e técnicas que justificam e criam as condições para a construção da narrativa de imparcialidade nas notícias. O distanciamento criado na notícia permite que as empresas de comunicação façam a defesa dos seus interesses políticos, ideológicos e econômicos.

Consideramos o discurso jornalístico como uma modalidade de discurso sobre. Um efeito imediato do falar sobre é tomar objeto aquilo sobre o que se fala. Por esse viés, o sujeito enunciator produz um efeito de distanciamento - o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc, justamente porque não se 'envolveu' com a questão. Os discursos sobre são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os discursos sobre são discursos intermediários, pois ao falarem sobre um discurso de ('discurso' origem), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja (Mariani, 1996, p 63-64).

O neutro tratado pelo jornalista, na verdade, está falando dos interesses dos donos das empresas de comunicação. O “discurso sobre” faz com que se crie um significado específico sobre determinado tema.

2 Os novos velhos sentidos sobre 64

Antes de fazer os gestos de análise, cabe aqui recorrer às condições de produção da criação do Jornal Nacional, o contexto em que situação ele surge é exatamente o que garante que ele se torne a referência que é hoje. O noticiário que é transmitido em horário nobre³ da TV surge em 1969, quatro anos após a fundação da Rede Globo (que ocorreu em 1965) e cinco anos após o Golpe Civil Militar. Na época, o JN tinha como concorrente o telejornal da TV Tupi, o Repórter Esso. Para sair na frente, a Rede Globo criou o projeto de tornar o Jornal Nacional o primeiro a chegar em todo o país, fazendo com que a Rede Globo se tornasse a primeira rede de televisão no país. (Memória Globo 2013).

Para tal feito, a emissora teve o apoio dos militares que estavam no poder para conseguir realizar a façanha a qual se propunham, essa aproximação com os que detinham o poder da época foi marcante e crucial no surgimento da rede de televisão e um dos fatores que permitiram que hoje a emissora fosse o modelo a ser seguido. “No Brasil, as Organizações Roberto Marinho têm

³ O horário nobre é considerado o período de 18h a 22h, em que a programação tem novelas e telejornais e é o horário em que culturalmente os brasileiros estão chegando em casa do trabalho e assistem aos programas, por isso, o horário nobre é o mais cobiçado e mais caro em termos de publicidade.

reconhecidamente uma aproximação com o poder desde o início de suas atividades e a Rede Globo de Televisão materializam essa proximidade” (Ramires, 2012, p. 38).

Com isso, a Rede Globo, constrói a partir do seu principal telejornal um padrão, modelo de fazer a notícia, o “padrão Globo de qualidade”, que além de referenciar a emissora, suas filiadas e afiliadas, determina também para as demais emissoras como deve ser feito para que se possa competir em questão de audiência. Bolaño (2016) explica como o padrão de qualidade também favorece na manutenção do primeiro lugar de audiência.

Consolidada a posição de líder absoluta do período, sua estratégia principal deixa de ser a busca de um espaço significativo na audiência preexistente e passa a ser moldar e “qualificar” essa audiência. Isso significará, para a Globo, a adoção de uma filosofia de atuação caracterizada pelo “Padrão Globo de Qualidade”. É sob a égide desse padrão que se consolida a brutal concentração de audiência em favor da rede globo, o qual norteou todo o processo de implantação e de consolidação de uma grande rede nacional, a conquista e a integração de todos os mercados locais e, finalmente, a busca do mercado internacional de televisão (Bolaño, 2016, p. 139).

As sabatinas da emissora costumam abordar diversos temas direcionados a cada candidato, como eles se relacionam com as temáticas. No caso de Bolsonaro, na sabatina de 2018, Bolsonaro foi questionado sobre qual seria a relação militares, devido ao seu histórico como militar e as suas falas direcionadas em apoio ao golpe de 64. O gancho usado pelos âncoras, neste caso, foi uma fala do então vice de sua chapa, Hamilton Mourão, a sua resposta fez referência a Roberto Marinho, fundador da empresa de comunicação, e uma fala em que ao se referir ao golpe, chama-o como “revolução” e faz uma provocação se Marinho seria “um ditador ou um democrata”.

Essa fala de Bolsonaro resgata a relação bastante próxima entre Globo e o golpe da época. O discurso de Bolsonaro, neste caso, traz à tona uma narrativa não desconhecida, mas escondida intencionalmente pela Globo para que não abale seus interesses. Ao questionar se o maior nome da Rede Globo era um ditador ou um democrata, Bolsonaro deixa no ar várias possibilidades de interpretações, em algum dos cenários possíveis, Roberto Marinho e ele se encontram em uma Formação Discursiva similar, em que os generais responsáveis pelos anos de chumbo no Brasil eram heróis.

Compreender essa movimentação de Bolsonaro, que, de certa forma, deixa no ar uma questão, é fundamental para compreender o que acontece a seguir discursivamente.

Assim que a entrevista se encerra, Bonner retoma o fato e lê na íntegra uma nota do Grupo Globo. Neste caso, a nota lida é considerada um editorial, categoria no jornalismo em que é apresentado como posicionamento. Nos editoriais, como neste caso, é possível perceber a linha editorial da empresa de comunicação, que consideramos importante abordar antes de iniciarmos a análise.

A linha editorial está presente desde o começo do jornal até a hora em que os créditos sobem, o telejornal é construído e marcado a partir da linha editorial construída pelos interesses da empresa.

A mídia é um instrumento de poder e só veicula informações cujos interesses não colidam com a política editorial. É, então, obedecendo à linha editorial (política ideológica de seleção do conteúdo) que as notícias ganham um direcionamento, e esse direcionamento está vinculado a questões político econômicas, que incluem financiadores do veículo e forças políticas em jogo (Pimentel, 2010, p. 12).

Ou seja, ela é a representação concreta do que é importante para os donos e para os que se aliam a eles. Contudo, o jornal é montado para que essa linha editorial não fique explícita para o telespectador.

Assim, entendemos que a linha editorial é a representação da forma-sujeito do discurso, o eixo ideológico que norteia os sentidos. No entanto, esse gesto de interpretação é velado, na tentativa de expor uma almejada “objetividade jornalística”, em que os fatos falariam por si, produzindo um efeito de evidência, uma ilusão de transparência de sentidos (Moreira, 2016, p. 73).

No telejornalismo, a pessoa que transmite a linha editorial da empresa costuma ser o apresentador. Seu discurso é construído para convencer o telespectador e com isso estabelecer uma relação de confiança com o público, o que garante a credibilidade do programa. Dentro dos manuais de telejornalismo é possível encontrar sobre o papel do âncora do ponto de vista técnico. Barbeiro (2002) caracteriza o âncora como a peça chave que acompanha toda a produção do jornal, o que o torna na maioria das vezes o editor-chefe do telejornal.

O âncora é o apresentador que acompanha e participa do processo de confecção do telejornal em todas as suas etapas. Deve acompanhar a evolução das notícias durante todo o dia, estando ou não na redação. É isso que o distingue de quem apenas grava o off e lê o script. Essa participação ativa, em uma ou mais etapas da produção do telejornal, faz com que em muitos casos o âncora seja também o editor-chefe do telejornal. (Barbeiro 2002, p. 85)

Para os que estudam o telejornalismo na perspectiva da AD, a função do apresentador, bem como do editor chefe, vão além. Toda a produção do telejornal passa por ele, ele é o guardião dos interesses da empresa, é ele que garante que esses interesses não sejam percebidos pelo público, tornando o telejornal apenas um apanhado de notícias que são do interesse do público, que estão à serviço da população.

São os vários ‘filtros’ do processo jornalístico que vão apurando as notícias e exibindo apenas aquilo que não contrarie a orientação posta na linha editorial. Essas notícias são materializadas nos telejornais através da participação efetiva dos apresentadores, jornalistas que falam diretamente com o telespectador, criando uma relação de “intimidade” com estes; são eles que “entram” diariamente na casa do telespectador. (Moreira, 2016, p. 66)

Para os manuais de redação jornalística, o editor-chefe seria o defensor do telespectador na hora de selecionar as notícias, para que o público tenha acesso ao que aconteceu. Caracterizando-o como um sujeito neutro e alheio ao processo. Essa definição garante ao editor-chefe e à emissora uma neutralidade para que os interesses da emissora sejam apresentados de maneira isenta.

Ele é, para os estudos dos discursos midiáticos, uma peça fundamental e aliada dos empresários. É uma espécie de guardião das ideologias defendidas e construídas pelos veículos que são apresentadas disfarçadamente para o público.

Ao considerarmos a posição do editor-chefe quando destaca que quanto mais complexo um assunto, maior a probabilidade de ser tratado numa reportagem maior, com um repórter que a conduza, chegamos à compreensão de que são as escolhas de uma editoria telejornalística que elege as prioridades, que produz e estabiliza sentidos no movimento do espelho, partindo-se de uma determinada posição. É o discurso jornalístico aparecendo como uma forma de legitimar as formações ideológicas da empresa-Globo, tais como: tentando “democratizar” a

programação ao mostrar uma diversidade de assuntos abordados (Moreira, 2016, p. 89).

Na sabatina, os sentidos escapam do controle da linha editorial do programa, obrigando à emissora a resgatar seu passado de uma maneira que não afete seu presente nem futuro. A construção da nota apresentada é feita de maneira que não fique brechas para quaisquer outras interpretações, como uma tentativa de amarrar os sentidos que escapam mesmo assim, uma vez que a língua não é transparente e os sentidos existem em si mesmos. Traremos aqui como Sequências Discursivas trechos da nota lida por Bonner.

SD1

O candidato Jair Bolsonaro disse há pouco que Roberto Marinho, identificado com os anseios nacionais, de preservação das instituições democráticas, apoiou editorialmente o que chamava então de revolução de 1964. É fato, não somente o Globo, mas todos os grandes jornais da época.

Ao se pronunciar para rebater o que Bolsonaro deixou no ar, a Rede Globo utilizou-se de uma das características do discurso jornalístico apontada por Mariani (1996). Esta nota ocupa discursivamente o que poderia ser um silêncio, para que não haja um vácuo. Para que não haja outra interpretação além da que a linha editorial deseja, a nota direciona o sentido para que cumpra os seus interesses.

Isso faz com que o discurso jornalístico assuma uma postura pedagógica, ao mesmo tempo autoritária. Tentando impor uma só interpretação, o que a empresa deseja, o que para eles é tido como possível, controlar os sentidos.

Fazendo crer que apresenta os fatos tais como são, com uma linguagem isenta de subjetividades, o discurso jornalístico atua à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária. Se no discurso pedagógico autoritário cabe ao professor fazer a mediação entre o saber científico e os aprendizes de tal modo que, com base em citações de autoridade e afirmações categóricas (dentre outras estratégias), os alunos se vêem diante de verdades incontornáveis - no professor está a verdade - sentindo-se, portanto, tolhidos a qualquer questionamento, no discurso jornalístico, mascara-se um apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si (Mariani, 1996, p. 65).

Contudo, os sentidos escapam. Mesmo que a nota pronta omita os processos de construção, os interesses contidos nela, o dito deixa escapar vestígios. Ao citar que o apoio foi feito apenas “editorialmente”, a nota tenta convencer de que a relação Roberto Marinho (Rede Globo) e militares (golpe militar) foi algo pontual, restrito a um apoio mais afastado. Essa construção é feita para que signifique exatamente isso, não outra coisa. Há aqui um apagamento importante da história da Rede Globo, principalmente do Jornal Nacional que surge para atender a uma demanda dos ditadores, como coloca Moreira (2019).

Os militares acreditavam que os veículos de comunicação, principalmente a televisão e o rádio, eram fundamentais para o projeto de poder que tinham para o país. Nesse sentido, a criação do Jornal Nacional fez parte de um projeto político-empresarial da emissora apoiado diretamente pelo Estado que viabilizou a infraestrutura para a formação das redes televisivas (atendendo aos interesses da emissora) e a difusão de uma imagem única do país (conforme a estratégia dos militares da época) (Moreira, 2019, p. 11).

Colocar a relação Globo-militares como apenas editorialmente direciona os sentidos para que outros não surjam. Diversas palavras são selecionadas ao longo do texto para amenizar o fato, de que a Globo participou do período marcado por mortes, torturas e censura no país.

É um discurso direcionando a interpretação de que a Globo errou tentando acertar, que não foi a única, nessa passagem: “É fato, não somente o Globo, mas todos os grandes jornais da época”, é colocado como a única posição possível, que do lugar que estavam inseridos, como se não fosse a mesma que os militares, o Grupo Globo e todos os grandes jornais optaram pelo apoio.

O reforço dos “grandes jornais da época” evidencia também a necessidade de diminuir o papel da Globo e de condensar a responsabilidade a partir da referência destes veículos como isentos e comprometidos com a verdade. Assim,

o discurso tece linhas de tentativas para explicar que a adesão ao Golpe de 1964 foi um “erro”, mas que hoje isso pode ser perfeitamente entendido pelas circunstâncias da época, que induziam ao “equivoco”. Assim, o discurso do sujeito se inscreve em uma região do dizível para falar, apagando, imaginariamente, as contradições que estão ali constituindo o dizer (Magalhães; Silva Sobrinho, 2014, p. 185-186).

Em seguida, a nota resgata um editorial apresentado também durante o Jornal Nacional, em 2013.

SD2

Bolsonaro esqueceu-se de dizer, porém que em 30 de agosto de 2013, o Globo publicou o editorial em que reconheceu que o apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro. Nele o jornal diz não ter dúvidas de que o apoio pareceu, aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento, a atitude certa, visando o bem do país.

As condições de produção desse editorial à época precisam ser resgatadas aqui. A Rede Globo é pressionada a falar sobre o apoio a ditadura pelas manifestações de junho de 2013 em que, entre as diversas palavras de ordem, está “A VERDADE É DURA, A REDE GLOBO APOIOU A DITADURA, AINDA APOIA”. As jornadas de junho tomaram proporções que seria impossível a Globo ignorar os questionamentos que tomavam as ruas e as redes.

Essa proximidade foi “reconhecida” pela própria Rede Globo durante as mobilizações de rua que aconteceram no Brasil em 2013, quando a empresa publicou uma nota no site Memória Globo, relatando que o apoio ao golpe de 1964 foi um erro. A emissora só vai publicar esse “reconhecimento” do erro porque, naquele momento, era impossível sustentar o “discurso de neutralidade” jornalística pela posição da imprensa, que dizia estar apenas registrando e noticiando os fatos. Logo depois, essa publicação foi retirada do site, esse arquivo foi apagado como se nunca tivesse existido, passando a constar apenas outros dois “erros” reconhecidos pela emissora: Diretas Já e Debate Collor X Lula (Moreira, 2019, p. 34).

Assim, esse reconhecimento só acontece pela pressão gerada e é retirado do projeto Memória Globo, um apagamento duplo: do fato e do reconhecimento.

Atualmente, nos arquivos disponibilizados pelo Memória Globo, essa relação de parceria mútua com os militares que permitiu a emissora se nacionalizar é invisível. É como se nunca tivesse existido, ficando apenas os registros de vezes em que a censura atuou contra o telejornal. Rompendo assim, qualquer movimento que possa associar a Rede Globo aos militares.

Para a Análise do Discurso, essa tentativa de apagamento da história não é apenas uma seleção de caráter editorial. É uma decisão que perpassa questões ideológicas, políticas e econômicas. Contudo, mesmo deixando de contá-la, ela ainda é contada. Pois, o discurso não é somente do que é dito e do não dito, conceituados anteriormente, mas também dos silêncios que têm sentido próprio. Segundo Orlandi, “quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há o ‘pensamento’, a introspecção, a contemplação” (Orlandi, 2007, p. 35). Ou seja, não está no Memória Globo, a recordação oficial da Rede, a ligação com a ditadura, mas ela existe e grita dentro desse silêncio, sendo parte fundamental da história

Ao colocar que o apoio “visava o bem do país”, há uma tentativa de recontar a história, de construir uma narrativa sobre o Golpe que não transforme a Rede Globo em vilã, o que gera também a ditadura em algo que tinha potencial para o bem do Brasil e que Marinho era mais um patriota, defensor do país. Entretanto, os sentidos deslizam, o que seria o bem do país? O milagre econômico prometido pelos militares? O combate à ameaça comunista? A defesa da família, da moral e dos costumes?

SD3

À luz da história, contudo, não há porque não reconhecer hoje explicitamente que o apoio foi um erro. Assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto e quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma.

O “erramos” feito pela Rede Globo ocorre aqui, mais uma vez, somente pela provocação, é certo que se as ruas não questionassem em 2013, ou até mesmo Bolsonaro em 2018, o apoio à ditadura nunca faria parte da linha editorial do JN ou de qualquer outro produto jornalístico ou de entretenimento da casa. Este reconhecimento da parte deles serve para recontar a história, causando o que Magalhães e Silva Sobrinho (2014) caracterizaram como “efeito de verdade”. Assim,

esse acontecimento é “reconhecido”, “avaliado” e “justificado” à luz da História, portanto implica novamente num efeito de “verdade”, porquanto diz “responder ao clamor das ruas”. Do ponto de vista discursivo, esses dizeres retomam um discurso de condenação (“a verdade é dura”) para produzir outros sentidos, reafirmando um compromisso social, ou com o social. (Magalhães; Silva Sobrinho, 2014, p. 186)

Ou seja, esse movimento de “falar sobre”, exatamente da maneira como é falado, garante que a Rede Globo permaneça com a garantia de que seja ela que conte e reconte essa parte da sua história. Reconhecer o erro como apenas uma consequência da época, humaniza e constrói uma proteção da imagem e credibilidade do grupo.

Além disso, a utilização destes termos diminui a responsabilidade e transforma o apoio como um deslize dentro da história, retirando as Organizações Globo da forma-sujeito vinculada à ditadura, e o que afasta também de Bolsonaro, então candidato à presidência e defensor da ditadura. O Grupo não é, dentro do editorial de 2013 nem da nota em 2018 conivente ou próximo do regime, então não podem ser julgados da mesma forma como os militares são pelo caso.

Com isso, “compreendemos que as Organizações Globo não pedem desculpas, pois ‘de fato’ não se ‘arrependem’; ao contrário, se ‘justificam’ pelo ‘reconhecimento’ do ‘erro’, do ‘equivoco’, do ‘desacerto’” (Magalhães; Silva Sobrinho, 2014, p. 190).

Algumas considerações não finalizadas

O que analisamos aqui neste artigo ainda é pouco para conseguir abarcar a relação Rede Globo, empresas de comunicação, com o Estado enquanto força política e defensora dos interesses das classes dominantes. Este recorte, do reconhecimento de que existiu um apoio da emissora ao regime, nos traz uma parte importante de como a Rede Globo conseguiu a consolidação de seu modo de fazer jornalismo, criando o “padrão Globo de qualidade”.

Reconhecer o fato, da maneira como foi feita, não reduz a participação dos donos dos grandes conglomerados de comunicação e nem o grande impulsionamento dos militares para que a Globo seja o que é hoje. Este acontecimento constitui a emissora, mesmo que apagado intencionalmente da sua história, e foi um fator decisivo na sua trajetória.

Esse reconhecimento, pela segunda vez, traz à tona o funcionamento da luta de classes, a nota e o editorial deixam escapar a defesa dos interesses dos dominantes, que neste caso se alinham com os interesses da Rede Globo.

Além disso, é possível perceber outro tipo de embate, pelo controle da narrativa, quem falará sobre a ditadura no Brasil? Quem dará a última palavra sobre o que aconteceu? O “padrão Globo de qualidade” garante à emissora que o que ela relata como fato seja validado. O discurso funciona, aqui, na manutenção do *status quo* e dos interesses ideológicos e econômicos da classe dominante.

Referências Bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BOLAÑO, César. Mercado Brasileiro de Televisão. 3ª Edição. 2016.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira; MACHADO, Fabiano Duarte. A ideologia em Lukács: contribuições para os estudos do discurso. In: CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira (Org). Linguagem, discurso e ideologia: a materialidade dos sentidos. Maceió: EDUFAL, 2007.

DELA-SILVA, Silmara. O Acontecimento Discursivo da Televisão no Brasil: A Imprensa na Constituição da TV como grande mídia. 208. 243f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp/SP, Campinas, 2008.

FLORENCIO, Ana Maria Gama et al.; Análise do discurso: fundamentos & práticas. Maceió: EDUFAL, 2009.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Betânia. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MAGALHÃES, Belmira; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. “Erro” no apoio ao Golpe de 64: sujeitos enfrentam-se nesse acontecimento discursivo. Letras, (48), 177–192, 2014. <https://doi.org/10.5902/2176148514431>

MARIANI, Bethania. O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). 1996. 256f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional*, 2013. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MOREIRA, Maria Rachel Fiúza. *Histórias (e)ditadas: um arquivo que se quer memória*. 2019. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos* Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Editora Pontes, 1995.

PIMENTEL, Mercia Sylvianne Rodrigues. *Entre dizeres e silenciamentos: uma análise discursiva do Jornal da Assembleia de Alagoas*. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística; Literatura Brasileira) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

RAMIRES, Lídia Maria Marinho da Pureza. “Eles conseguiram”: os sentidos de sucesso no jornalismo de televisão. 2012. 150f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a Análise do Discurso. *Polifonia*, [S. l.], v. 26, n. 43, p. 130–150, 2019.

Submetido em 16/02/2024

Aceito em 17/05/2024